

## APROXIMAÇÕES – Diálogos para os Feminismos e o Processo Penal.

Parte 1 – Não somos Humanas, ainda<sup>1</sup>.

Querides<sup>2</sup> Leitores,

Começo parafraseando Belchior - “Não quero lhe falar, meu grande amor, das coisas que aprendi nos livros”. Ou não apenas disso. Ao iniciar, quero fazer este pedido. Antes da crítica desgovernada “ao feminismo” ou às feministas, leia. Atentamente. Percebendo minha voz, porque isso é antes uma fala que um escrito ritualístico e teórico ou acadêmico, apenas. É um relato, para que seja possível visualizar uma teoria que nasceu da realidade, ao invés de nascer do encastelamento. E precisa ser concebida como tal, para talvez alcançar sua alteridade.

Desarme-se. Quero dizer que estamos exatamente tentando mostrar a angústia de vivenciar uma realidade sempre armada, que causa dor e imposições distorcidas a mim e a você. Porque meu feminismo não é só para mim. É para nós. E talvez seja tranquilizador saber que minha voz se aumenta para ser tratada como gente, mais do que para travar um embate ideológico contra sua formação ideológica, porque, é triste dizer, estamos todes sob a égide do machismo. Não é lógico tentarmos tratar como iguais linhas de pensamento que querem, de um lado, o tratamento isonômico às diversas pessoas, de outro, a perpetuação de submissões. Não sendo equivalentes, não há uma tentativa de “superpor” ideologias. Feminismos são resistências, feminismos são buscas por sobrevivência, não são o “oposto” do machismo, uma nova forma de imposição ideológica. Estamos na luta por humanização do feminino. Por sermos tratadas como humanas. E esta luta é antiga, existe muito antes das alcunhas feministas<sup>3</sup>.

Antes de poder falar sobre o lugar do feminino e dos feminismos no processo penal, é necessário mostrar alguns exemplos simples de que não somos tratadas como humanas desde o nascimento. Mais até, poder-se-ia dizer que não se formou, socialmente, um espaço de voz feminina. Sequer há reconhecimento da existência feminina como uma existência dissociada do masculino, que existe em definição própria. Trago-lhes provas, não apenas convicção. Certamente, você já ouviu alguém dizer que defende ou entende ou quer o melhor à situação da mulher porque é “filho de uma mulher(!?)/pai de uma mulher/irmão de uma mulher/sobrinho/neto/agregado/amigo...” . É a experiência de visualizar o feminino “em função de...”. Esta ideia é mais profunda do que parece.

Parto do básico, porque a violência física e a morte, a obliteração no tratamento penitenciário, a sujeição imposta à maternidade são pontas do iceberg de uma cultura que nos desumaniza

---

<sup>1</sup> A referência é diretamente associada às influências da palestra convertida em livro “Are Women Human”? de Catharine A. Mackinnon, publicado pela Harvard Press University.

<sup>2</sup> Leitores automáticos para portadores de cegueira não lêem “x” ou “@” de forma inclusiva. Por este motivo, estamos incluindo o “e”, também utilizado como determinante de variação da palavra aos gêneros.

<sup>3</sup> A saber, o termo “feminist” foi usado pela primeira vez após a primeira Conferência das Mulheres, em Seneca Falls, Nova Iorque, em 1848. Em 1890, era utilizado na Europa e nos Estados Unidos, sendo realizada a Conferência Feminista, em Paris, no ano de 1892. A origem do termo, segundo Genevieve Fraisse, é um tratado médico citado por Alexandre Dumas, inicialmente pejorativo, que reassumiu sua função após os movimentos sufragistas.

em diversos aspectos. Qual o conceito de ser humano que você tem? Muito provavelmente, o conceito Kantiano<sup>4</sup>, de ser “racional, capaz de pensamento lógico”. Qual o conceito de homem que você tem? O ser racional. O animal racional. Correto?! E o conceito de mulher? Para que não pareça um acaso da linguagem e das definições, quero mostrar que a discussão sobre a ausência de preocupação em ver a mulher personalidade una, existente além do masculino, não em função desse, não é acaso.

À época da Revolução Francesa, no lançamento da Declaração Universal dos Direitos do Homem, uma mulher, combatente feroz do regime antigo, participante engajada do movimento político, questionou o lugar das mulheres na sociedade em formação. Questionou o porquê dos “direitos do homem e do cidadão”, com exclusão de direitos femininos – voto, divórcio, salários iguais, cargas horárias, isonomia nas relações. Lançou a obra – A Declaração Universal dos Direitos da Mulher e da Cidadã. Mas você, provavelmente, nunca ouviu falar dela na escola. Ou fora da escola. Sabe o que lhe ocorreu? Foi decapitada. Olympe de Gouges<sup>5</sup>/Marie de Gouze era seu nome. Apagado pela história. A história nos apaga. A conceituação de “feminino”- o inexistente e “masculino” – o dominador revolucionário, nos oblitera.

Trago mais informações. Há muito mais escritos masculinos que femininos mencionados, inclusive, alguns ditos feministas. Sobre John Stuart Mill, utilitarista, você já deve ter ouvido falar. Talvez, inclusive, como um precursor dos femininos. De Harriet Taylor<sup>6</sup>, no entanto, que era coautora e esposa de Mill, você talvez nunca tenha ouvido. Mas vou além. Há alguns anos atrás, Simone de Beauvoir apareceu numa prova do Enem. E milhares de adolescentes e adultos desesperados foram buscar seu nome. Que aparecia como “a companheira de Sartre”, esquecendo-se os sites de mencioná-la como a autora que pariu a segunda fase do movimento feminista, revolucionou o pensamento existencialista ao trazer perspectivas femininas e questionou o “lugar feminino”<sup>7</sup> como algo criado e inexistente. E que dizer de Angela Davis? bell hooks<sup>8</sup>? A primeira autora foi traduzida no Brasil apenas em 2016, quando suas obras já falavam de gênero, raça, política e opressões desde a década de 80. Sobre “os” Panteras Negras, já deve ter ouvido falar, no entanto. Sobre Pierre Bourdieu, idem.

Antes de lutarmos por qualquer poder, estamos ainda pretendendo que reconheçam nossa existência. Acha que a “história” está longe? Estamos ainda nesta fase. Você sabia, por exemplo, que não havia banheiro feminino no Senado até 2016? Já assistiu “Hidden Figures”? Ou, ainda, já fez o cálculo de quantas mulheres você conhece que já sofreram assédio ou violência nos relacionamentos e tiveram que ouvir, de você ou do meio, que “se tivessem feito de tal forma

---

<sup>4</sup> As teorias racionalistas retomadas por Immanuel Kant vêm desde Aristóteles, mas são modernizadas pelo autor. Dos conceitos de racionalidade, abstraiu-se por muito tempo que a mulher seria um ser incapaz de decisões, já que “frágil e emotivo”, como as crianças.

<sup>5</sup> Verifiquem a Declaração e história de Olympe, vale à pena saber. Disponível em: <http://www.uel.br/pessoal/jneto/gradua/historia/recdida/DeclaraDirMulherCidada1791RecDidaPESSOA LJNETO.pdf>

<sup>6</sup> Cf. Mill, John Stuart. A Sujeição das Mulheres. Portugal: Almedina, 2006.

<sup>7</sup> Cf. Beauvoir, Simone de. O Segundo Sexo – Fatos e Mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

<sup>8</sup> Pseudônimo de Gloria Jean Watkins, escrito em letras minúsculas. bell hooks é autora feminista, ativista negra e contemporânea de Davis, escreveu, dentre outras obras, “Feminism is for Everybody” e “Ain’t I a Woman?”.

ou agido do modo outro, não teria sido vítima”? De que homem se diz que se tivesse agido diferente não teria sido assassinado, roubado ou afim?

Nossos combates são, ainda, pelo básico. E são múltiplos, com uma mesma base – equidade e dignificação humana. Mas estas são só diretrizes genéricas. Porque somos muitas e muito distintas. Somos mulheres cis, trans, pretas, pardas, brancas, pobres, ricas ou da grande massa de classe média esmagada entre os extremos. Somos formadas nas academias ou na rua. Com pais, sem pais, com mães e sem mães, com medos distintos e medos ainda muito iguais – o medo do estupro, por exemplo, constante em nossas vidas. Uma leva de filhas, mães, não mães, hetero, homo, bi, assex, intersex, queer, tantas pessoas, tantas histórias.

Mas, no primeiro momento em que questionamos qualquer peça do patriarcado, recebemos um rótulo universal – feminista. Com esse “indicativo do feminino singular” entramos num pseudo-formato enlatado de uma história de lutas, que não se resumem a “um feminismo”, um “feminismo combo McDonald’s”, mas a diversas correntes e vertentes, porque as bases feministas deram às mulheres o direito básico de falar. E o direito de falar gerou a necessidade de discutir-se o porquê da fala. Como mais um modo de operar do sexismo, para subverter correntes tão distintas em qualquer defeito aparente de uma delas, converteu-se o feminismo, para o discurso misógino, numa espécie de Leviatã imaginário contra a “masculinidade” e a “feminilidade”.

Daí, surgem as piadas sobre o que “podemos” e “não podemos” querer, enquanto feministas - das flores ao desejo humano de ter ou não ter família. Às mulheres, é importante ressaltar, os feminismos não “planejam” que você seja ou deixe de ser algo. O que os feminismos buscam é espaço para que você viva sem o receio de existir como quer ser. E cada feminismo tem seu condão de luta, porque não há como estabelecer o mesmo espaço para pessoas em desigualdade, como a preta, a parda e a branca, a cis, a trans e a queer. Não formulemos uma teoria geral falsamente dita impositiva ao que veio da realidade múltipla. A venda da imagem feminista como uma substituição ao machismo só interessa a quem continua se beneficiando dele.

Aos homens, é importantíssimo que se diga que os feminismos também tratam da realidade imposta sobre o masculino, na expressão de tudo o que for entendido como feminino e ensinado como anormal a vocês. Quando são impedidos de chorar quando crianças, quando são impedidos de brincar como querem, impedidos da expressão livre, quando são estimulados a competir nas realizações e frustrações desde cedo, quando são cobrados à sexualização, à competição e fragilidade eternas, estão também submetidos a diversas construções que contribuem para anos de opressão. Mas esta opressão sobre nós, mulheres, tem sido continuada e resistente às mais diversas modificações históricas, porque enquanto vocês estão sendo “ensinados” a ser “donos”, estamos sendo agredidas, mortas e enjauladas<sup>9</sup> para sermos propriedade.

---

<sup>9</sup> Cf. Angela Y. Davis, em palestra realizada na Universidade Federal do Recôncavo Baiano, faz uma diferenciação entre a criação estadunidense de prisões masculinas e prisões femininas, e os objetivos declarados de ambas. Vale à pena assistir.

Não há, portanto, como tratar de feminismos e direito processual penal sem, primordialmente, dizer que já nascemos menos humanas. O sistema penal é só uma continuação disso. É inevitável tratar de críticas a uma sistemática de opressão quando lidamos com feminismos. E as teorias feministas são potentes meios de questionamento do sistema processual penal e do sistema penal como um todo, já que é inevitável questionar todas as opressões ao tratarmos das opressões que vem nos fazendo ser vistas como menos seres humanos que o mais subjugado homem.

Meu feminismo é um feminismo que pretende se estender, não se cristalizar. E a grande vantagem dos feminismos é que eles vêm se consolidando em diferentes vertentes buscando, em cada uma delas, menos um pouco de opressões. Sem deixar de aceitar e acolher que há outras opressões no mundo e que podemos modificar o pensamento para diminuí-las, ainda que isso exija muitas falas interrompidas, muita resistência a aceitar vozes de mulheres falantes, não caladas no mesmo espaço, e muito embate.